



## AS ORGANIZAÇÕES DA JUVENTUDE E O MOVIMENTO DE MASSAS COMO PALCO DA RESISTÊNCIA JUVENIL

### YOUTH ORGANIZATIONS AND THE MASS MOVEMENT AS A STAGE FOR YOUTH RESISTANCE

 **Andréa Wahlbrink Padilha da Silva**

Doutora em Educação  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Porto Alegre, RS, Brasil  
[andreawahlbrink@hotmail.com](mailto:andreawahlbrink@hotmail.com)

**Conceição Paludo** (*in memoriam*)<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, busca-se analisar o atual desafio das organizações de juventude junto aos movimentos de massas no país, descrevendo a importância dessas organizações nas lutas sociais e na construção de ferramentas combativas da ofensiva neoliberal atual e demonstrar as formas organizativas desses coletivos e seu papel educativo-político no movimento de massas. Para o percurso teórico-metodológico deste estudo, pontuam-se os fundamentos do Materialismo Histórico e Dialético, em colaboração com o método de triangulação de dados e a análise de conteúdo. Conclui-se, com base nessa perspectiva, que as organizações de juventude ocupam um lugar central no movimento de massas, como a retomada sistemática desses eventos e a garantia de continuidade da trajetória histórica da teoria da organização política, ao mesmo tempo, representante de uma força renovadora de possíveis rupturas e elaboradora de novas compreensões sobre o mundo, principais forças da agitação, propaganda e formação política da juventude.

**Palavras-chave:** juventude; movimento de massas; organização política.

**Abstract:** The article seeks to analyze the current challenge of youth organizations alongside mass movements in the country, analyzing the importance of these organizations in social struggles and in the construction of combative tools in the current neoliberal offensive, demonstrating the organizational forms of these collectives and their educational and political in the mass movement. The theoretical and methodological paths of this study relied on the foundations of Historical and Dialectic Materialism, in collaboration with the data triangulation method and content analysis. It is concluded that youth organizations occupy a central place in the mass movement, such as: in their more systematic resumption of these events; in guaranteeing continuity in the historical trajectory of the theory of political organization, at the same time as an invigorating force for possible ruptures in the elaboration of new understandings about the world; and as one of the main forces in youth agitation, propaganda and political formation.

**Keywords:** youth; mass movement; political organization.

#### Para citar – ABNT NBR 6023:2018

SILVA, Andréa Wahlbrink Padilha da; PALUDO, Conceição. As organizações da juventude e o movimento de massas como palco da resistência juvenil. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 17-30, jan./jun. 2024. <https://doi.org/10.5585/cpg.v23n1.22917>

<sup>1</sup> Este artigo é dedicado a memória da Dra. Conceição Paludo, professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Rio Grande do Sul, em homenagem ao seu importante legado, na pesquisa no campo do Materialismo Histórico e Dialético e na Educação Popular.

## 1 Introdução

O movimento de massas, como *palco* de manifestações e mobilizações políticas, representa significativa memória histórica na ocupação das ruas do país, resultante de diferentes coletivos contestatórios que unificam pautas frente a problemáticas sociais e políticas. Nesta abordagem, apresentam-se alguns aspectos sobre a posição da juventude, como sujeitos políticos, que encontram, no movimento de massas, um espaço de mobilização e atuação política. Para a argumentação cujo desafio é apresentar pontos sobre organizações juvenis no contexto do movimento de massas, partiu-se de um questionamento importante: é possível identificar as características e a importância da juventude brasileira para o movimento de massas na atualidade?

Na presente investigação, de caráter qualitativo, baseada em um estudo de caso de quatro (04) organizações políticas da juventude, recorreu-se aos fundamentos teórico-metodológicos do Materialismo Histórico e Dialético, de Marx (2004). O método de pesquisa, pautado na triangulação dos dados, conforme Trivinos (1987), e na análise de conteúdo, segundo Bardin (1977), está subsidiado pelas observações *in loco*, pelos documentos produzidos por organizações e pelas entrevistas semiestruturadas. Também é importante mencionar que os movimentos de juventude pesquisados possuem atuação em nível nacional, como a União da Juventude Comunista (UJC), União da Juventude Socialista (UJS), Levante Popular da Juventude (LPJ) e JUNTOS, contando com oito entrevistados, dois de cada organização, e com a apreciação de 168 documentos.

No projeto de tese<sup>2</sup> (Silva, 2022), que origina as reflexões abordadas neste artigo, objetivou-se analisar as categorias da forma e do conteúdo (Luckács, 2018) do fazer educativo-político dos movimentos de juventude, buscando compreender seus campos de atuação e os principais pontos da sua proposição nas distintas *formas organizativas* e em seus diversos *conteúdos educativos*. Entendendo que, nos limites deste texto, não seria possível abranger as múltiplas dimensões dos resultados da investigação, optou-se em apresentar um dos principais espaços de atuação, no destacado papel das organizações da juventude<sup>3</sup>, que representa a condução do movimento de massas nas ruas do país.

Como viés metodológico da pesquisa, foi realizada, *a priori*, a investigação de categorias como *juventude* (Mannheim, 1968; Sposito, 2008), *teoria da organização política e do movimento de massas* (Lenin, 2014; Bogo, 2011) e *neoliberalismo* (Kartz, 2016; Antunes, 2018), ancoradas no estudo teórico

<sup>2</sup> A construção deste artigo vincula-se à tese 'A Pedagogia da Juventude: uma reflexão sobre a dialética da *práxis* do movimento de juventude', defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> As organizações de juventude ou movimentos de juventude, quando mencionados, referem-se aos coletivos políticos formados por jovens, ligados ou não a organizações partidárias.

prévio e nas observações livres e participantes das organizações. Em um segundo momento, como parte do trabalho de campo e do aprofundamento do referencial teórico, analisaram-se os documentos e as entrevistas semiestruturadas, que resultaram na produção das seguintes categorias: auto-organização (Pistrak, 2013), forma e conteúdo (Lukács, 2018; Vázquez, 1968), agitação e propaganda (Lenin, 2015), formação da consciência (Iasi, 2011) e visão social de mundo (Löwy, 1985). As categorias desenvolvidas, nas duas fases da pesquisa, resultaram na construção de eixos temáticos de análise, como a relação entre as organizações da juventude e o movimento de massas.

No objetivo específico, procurou-se apresentar as análises resultantes do atual desafio das organizações de juventude, junto aos movimentos de massas, para compreender a importância dessas organizações frente às lutas sociais enquanto mobilizadoras da construção de ferramentas combativas sobre a ofensiva neoliberal, demonstrando formas e conteúdo organizativos desses coletivos e seu papel educativo-político nos movimentos de massas. O primeiro resultado da pesquisa refere-se à retomada do movimento de massas no Brasil, principalmente, entre a década de 2010 a 2020, depois de um longo período de descenso de movimentos reivindicatórios mais massivos. O movimento de massas, como *forma* de luta coletiva, encontrava-se quase ‘adormecido’ no cotidiano da vida política do país. Mais recentemente, é notória a crescente adesão da juventude a protestos de rua, ocupação de espaços públicos, além do crescimento significativo das organizações políticas da juventude.

Essa retomada de protestos mais massivos da juventude acontece, principalmente, a partir das Jornadas de junho de 2013<sup>4</sup>, dos movimentos de ocupação das universidades<sup>5</sup> e dos protestos por estudantes secundaristas, em defesa da escola pública<sup>6</sup>. E, recentemente, pelos protestos em favor das universidades públicas e dos institutos federais<sup>7</sup>, do ‘Tsunami da Educação’ contra a

<sup>4</sup> A luta pelo transporte público teve seu começo em Florianópolis/SC, em 2003, mas seu ápice está na Jornada de Junho de 2013, iniciada em 06 de junho, com duas (2) mil pessoas, em média, em São Paulo e Porto Alegre. Todavia, em 17 de junho, atingiu seu ponto alto com mais de 70 mil participantes, em várias capitais do país. Em 20 de junho, quase 430 cidades, incluindo 22 capitais, *sacudiram* os pilares da ordem social.

<sup>5</sup> As mobilizações estudantis, em 2016, correspondem a uma série de manifestações e ocupações de escolas secundárias (mais de mil escolas) e universidades brasileiras, intensificadas durante o segundo semestre de 2016, realizadas por estudantes secundaristas e universitários em diversos estados.

<sup>6</sup> O movimento, conhecido como a primavera secundarista, deu início a um conjunto de reivindicações e ocupações, em 2015 e 2016, dentre os secundaristas no país. Partindo da denúncia da ‘máfia da merenda’ em São Paulo, os estudantes ocuparam as escolas e as ruas em protesto contra o fechamento de salas de aula e as denúncias de corrupção nos contratos da merenda escolar. Os jovens também acusaram o governo estadual de dar prosseguimento à chamada reorganização escolar. O processo, que previa o fechamento de mais de 90 escolas, foi suspenso, no ano passado, após uma série de protestos e ocupação de diversas escolas em todo o estado, além da suspensão política de criação de grêmios estudantis oficiais, que inviabilizam a autonomia do movimento estudantil. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-03/estudantes-protestam-em-sao-paulo-contracorrupcao-na-merenda>. Acesso em: set. 2019.

<sup>7</sup> Manifestações organizadas por todo o país em protesto aos cortes de 30% das verbas às universidades públicas e institutos federais.

implementação do projeto ‘Future-se’ nas universidades<sup>8</sup> e na campanha nacional ‘Vida, Pão, Vacina e Educação’<sup>9</sup>, em meio à pandemia do Covid19. Nessa expectativa, a presença mais marcante da juventude, na ocupação de espaços públicos, de ruas, de assembleias, de praças, de organizações de bairro, de movimentos de periferia, traz indicativos importantes a serem analisados para a compreensão da *forma* e do *conteúdo* de sua participação na construção do tecido social. A juventude consiste, nesses termos, em uma força política bastante expressiva, em vários momentos, como vanguarda na *práxis* política desses movimentos de ocupação.

É importante fazer uma ressalva. Com a chegada da pandemia Covid19 e, em consequência, o isolamento social para a preservação da vida, reconfigurou-se a ação desses coletivos, isto é, o movimento mais massivo que vinha acontecendo no país recuou, provocando cenários alternativos às organizações da juventude. Impossibilitada de ocupar as ruas, ocupou as redes sociais para denunciar os acontecimentos vividos e para difundir informações à sua base social, como forma de mobilização. Para esta análise, é necessário destacar alguns pontos desses acontecimentos na última década, visto que reorganizaram o movimento de massas e abriram passagem não só à construção de uma infinidade de coletivos de juventude, que projetam importantes elementos à motivação dessas *agitações*, mas também aos instrumentos para difusão da *propaganda*, ambos relacionados à *visão social de mundo*.

As manifestações das Jornadas de 2013 representam, como anuncia Antunes (2018, p.09), “o fim da letargia e o trasbordamento dos múltiplos descontentamentos”, um impacto político profundo que ainda carece de maiores análises. A tarefa pendente está relacionada ao entendimento do que levou à explosão dos protestos, suas causas e consequências que, ainda, apresentam-se pendentes e urgentes. As jornadas de 2013 correspondem a uma virada do ciclo político em nosso país, protagonizada por jovens cujo movimento não se presenciava desde as *Diretas Já*<sup>10</sup> e o *Fora Collor*<sup>11</sup>, apresentando-se como retorno da juventude ao cenário político, mais massificado, o que ainda repercute em nossos dias.

<sup>8</sup> Projeto, apresentado pelo Ministério da Educação do governo Bolsonaro, propunha alterar o caráter público e autônomo das universidades públicas, abrindo espaço para a iniciativa privada por meio de fundos de investimento, na chamada iniciativa público-privada, além da privatização do patrimônio imobiliário dos IFE e na forma de gestão, a partir de organizações sociais de caráter privado.

<sup>9</sup> A campanha da UNE propôs uma série de ações, entre elas, a retomada do movimento de massas na defesa da compra de vacinas, auxílio emergencial para as famílias em situação de vulnerabilidade, além da defesa à democracia ameaçada.

<sup>10</sup> *Diretas Já* foi um movimento de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil, ocorrido entre 1983 e 1984.

<sup>11</sup> Uma importante colaboração à juventude ficou representada pelos *Caras-pintadas*, movimento estudantil brasileiro, em 1992, como resposta aos esquemas de corrupção, envolvendo o presidente da república, na época, Fernando Collor de Mello. O movimento tinha como objetivo principal o *Impeachment* de Collor. Recebeu esse nome, pois os jovens saíram às ruas de rosto pintado com as cores da bandeira nacional. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/caras-pintadas/>. Acesso em: set. 2019.

Dessa forma, observa-se a necessidade de compreender o papel da juventude que se organiza frente aos rumos da política dos países e da própria América Latina. A juventude que se organiza em coletivos, como partidos políticos, frentes sindicais, movimentos sociais, associações de bairros, grupos culturais, movimentos LGBTQIA+, movimento negro, movimento de mulheres, entre outros, representam um potencial na luta de classe e merecem um olhar analítico às suas especificidades, tendo em vista sua relevância como sujeitos das lutas coletivas.

Segundo Menegozzo (2017), as características de transitoriedade, renovação e brevidade, nos coletivos juvenis, representam características da sua ação e identidade que, por vezes, dificultam as estratégias mais gerais de sua unidade na ação. Por outro lado, não se constituem como sujeitos unicamente determinados por uma condição política prévia ou pelo cumprimento de alguma regra social estabelecida. Nesse ponto, assenta-se a importância de seu potencial renovador também para a constituição da política nacional.

Nessa perspectiva, para entender as organizações de juventude e como elas se constroem na atualidade, é importante traçar os percursos que a juventude percorreu ao longo da história, em sua construção social, geracional e cultural. Segundo Mannheim (1968), a juventude sempre correspondeu a uma reserva vital da sociedade, o que chamou de acúmulo energético, físico e mental na transformação das sociedades. Destaca-se, portanto, a importância histórica de entidades, como a União Nacional de Estudantes (UNE), que acompanha as mudanças mais emblemáticas da política nacional, há mais de oito décadas, constituindo-se, ao longo de sua história, como importante entidade de contribuição político-educativa.

Nesses termos, o desemprego estrutural, o trabalho precarizado e terceirizado, o desmonte da educação pública, da saúde e dos direitos humanos, o direito à cidade, as denúncias contra o feminicídio, o extermínio da juventude negra, a negação dos padrões socialmente consolidados, como a família tradicional, a heteronormatividade, a liberdade sexual, o respeito às diferenças e a horizontalidade das relações são princípios que empurram a juventude às ruas. Segundo Antunes (2013), a organização das massas reivindicatória passa por um processo de transformação, o que demonstra luta de conteúdo heterogêneo e polissêmico, demandando da sociedade um olhar atento à sua organização, enquanto categoria social.

Embora algumas agremiações políticas abordem as transformações, no cenário político atual, como possíveis grupos temáticos ou identitários<sup>12</sup> ou lutas por direitos básicos, nesta análise, procura-se compreender o papel das organizações da juventude na busca pelo público, pelo uni-

---

<sup>12</sup> Entende-se por grupos temáticos ou identitários as lutas contra a opressão, por questões étnico-raciais, de gênero, de sexualidade, de cultura, entre outras.

versal, a luta pelo direito à cidade, em articulação às estratégias mais amplas de superação da sociedade de classe. Para Harvey (2013), não há como universalizar o público sem lutar contra a mercantilização de todas as esferas da vida e, por conseguinte, lutar contra o capital. Por isso, afirma-se que as lutas contra a opressão, em todas as dimensões, são parte das lutas anticapitalistas e um importante instrumento de identidade da luta de classe.

O contexto de vida precarizado, de retirada de direitos, e as dificuldades para a dignidade movimentam as organizações de juventude, que se intensificam no interior das lutas sociais. Assim, a resistência se aprofunda, o debate se amplia e as ruas se tornam um espaço amplo de discussão social. É sobre esse processo, em dois pontos, que se apresentam os demais resultados nesta investigação: a construção da resistência no movimento de massas e os processos educativos na formação da consciência crítica, divididos em duas sessões, conforme expresso a seguir.

## 2 A juventude e a construção da resistência nos movimentos de massas

A juventude, em sua capacidade histórica, ao longo da tradicional luta de classe, corresponde a sujeitos potencializadores do movimento de massas, responsáveis pela condução e organização das lutas sociais. Dada a importância desses levantes populares, Bogo (2001) afirma que “[...] este período, em que as massas se levantam por motivos diversos, desencadeia, ao redor da luta central pelo poder, um movimento espontâneo incontrolável [...]” (p. 08). Esses levantes, de caráter espontâneo das massas, são processos que se desencadeiam de forma muito mais rápida, todavia necessitam de longos períodos de constituição social, propícios a enfrentamentos, rupturas e conquistas.

No processo do movimento de massas, em ações mais coletivizadas, forja-se não só a dinâmica de muitas lutas da juventude, que expressam sua forma organizativa e sua experiência, como também a consciência coletiva de seus sujeitos. Nesta pesquisa, identifica-se a importância desses movimentos de juventude que reinventam, a partir de suas necessidades objetivas e de seus processos organizativos, um compromisso para alcançar patamares de consciência, de conquista social, que se transformam em processos educativos no curso de sua autoconstrução. As organizações de juventude carregam consigo a tradição das lutas sociais, ao mesmo tempo em que reinventam essas formas de luta, comprometidas com seu tempo histórico. Segundo Bogo (2001):

[...] superam-se muitas formas de organizações anteriores e, em geral, voam pelos ares os mofos da enfadonha burocracia estabelecida nas fórmulas desarticuladas de agir, já desgastadas. As organizações idôneas anteriores são aceitas, solicitadas, ouvidas e respeitadas na medida em que respondem aos anseios das massas (p. 10).

Os jovens, na jornada de 2013, e os estudantes, na ocupação das escolas públicas em 2015 e 2016, respondem à questão da presente investigação, quando se organizam em movimentos reivindicatórios auto-organizados e os transformam em instrumento de *conteúdo pedagógico*. Segundo os sujeitos desta pesquisa, esses espaços caracterizam-se por formações mais horizontalizadas, plebiscitárias e autogestionárias de organização, negando espaços e organizações burocratizadas, ou seja, que exerçam uma atuação autoritária, dogmática em suas análises de conjuntura, distanciadas do movimento real da luta de classes e dos interesses da juventude. Para Bogo (2001):

Com a demora de surgir a nova onda de ascenso, muitas entidades, historicamente respeitadas, se burocratizam, se atrasam ideologicamente e perdem a noção dos desafios estratégicos, tornando-se conservadoras na linguagem e desatualizadas no conteúdo político dos princípios pelo simples fato de que sua forma organizativa não se permite abrir para as mudanças e inovações que as novas contradições apontam sem que elas se desestruturarem (p. 11).

Nesses termos, as organizações de juventude encontram-se nesse caminho, o de preservar um importante acúmulo da *teoria da organização política*, da melhor tradição das lutas sociais, ao mesmo tempo em que são desafiadas a reinventar métodos e metodologias de ação e comunicação, vinculadas ao seu tempo histórico e comprometidas com a formação dos sujeitos juvenis. Nesse movimento, as organizações da juventude se somam ao conjunto de movimentos sociais, partidos políticos e setores progressistas que formulam e desenvolvem sua intencionalidade política. Conforme Bogo (2001), a teoria da organização política, formulada por Lenin, apresenta os fundamentos organizativos e estruturadores das lutas sociais e políticas, como, por exemplo, as tarefas do partido, dos movimentos sociais e do movimento de massas, ao mesmo tempo que apresenta os elementos orientadores para que as forças progressistas encontrem o caminho das lutas emancipatórias.

Observou-se, nesta investigação, que, na atualidade, a *agitação e a propaganda*, propostas pelas organizações de juventude, carregam muitos elementos da cultura popular nas ruas, em uma proposta que torna a rua um espaço de comunicação, amplificado também de sua expressão e identidade juvenil. A identidade visual ganha centralidade no uso das cores, dos símbolos, dos cartazes, dos diferentes corpos. A batucada, como ação quase exclusiva da juventude, anima e convoca as palavras de ordem para si. São muitas as ferramentas utilizadas pelas organizações de juventude para convocar as demais organizações às ruas, como espaço importante na luta por ideias e ideais.

Por conta desse interesse, é constante a convocação das organizações da juventude para essa ocupação, em um movimento de denúncia por melhores condições de vida, contra os retro-

cessos na educação, no avanço de políticas sociais e contra a barbárie, na defesa dos direitos humanos, no direito à cidade, entre tantas outras pautas mobilizadoras. O mesmo movimento de massas cumpre o papel de estabelecer uma agenda programática das lutas, organiza as tarefas coletivas, põe em discussão suas estratégias e táticas para a conjuntura, ganha visibilidade e coloca em evidência seus métodos organizativos e a experiência prática da participação e ação. Há um perfil destacado entre essas organizações. Em sua maioria, os militantes são oriundos do movimento estudantil, perfil que vem se ampliando, representado pela participação das entidades como UNE e UBES.

O crescente número de coletivos político-juvenis e a retomada de lutas mais coletivizadas estão diretamente vinculados à atualidade da conjuntura política vivida. Embora se presenciem alguns avanços no cenário nacional, como as políticas sociais na América Latina, com a presença de governos populares de esquerda, estes ainda preservam a essência do modelo neoliberal e suas forças produtivas. Com isso, o avanço, ainda que neodesenvolvimentista, sofre os ataques de uma burguesia oligárquica que expressa, na força, seu poder econômico, conservador e midiático, travando duras disputas no interior das relações. De forma geral, o projeto de conciliação de classes pouco avança para uma ruptura na construção de uma nova forma de sociabilidade, conforme Katz (2016). A precarização das condições de vida da população e a ausência de esperança, para um futuro mais digno à juventude, manifestam-se nas ruas. Por esse motivo, o movimento de massas continua sendo ferramenta importante às organizações políticas.

Bogo (2001) alerta para o fato de que a nova ofensiva do capital, o neoliberalismo, a reestruturação produtiva, a flexibilização do trabalho, a reconfiguração do papel do Estado e os projetos socialistas no mundo provocaram mudanças profundas também nas organizações da classe trabalhadora, desarticulando organizações de classe, promovendo seu recuo e, por vezes, distanciando-se da sua materialidade. Para o autor,

as forças repressivas e as medidas coercitivas ampliam o leque do espectro ideológico para criminalizar e desautorizar as organizações de classe a lutarem pela defesa dos direitos, quando não conseguem convencê-las de que as disputas devem ser processadas em outro terreno. Foi o que ocorreu a partir da última década do século XX em diferentes países da América Latina, quando muitas forças organizativas abandonaram as táticas ofensivas e adotaram outras que cabiam dentro da ordem, sem ameaçá-la (Bogo, 2001, p. 14).

Vale destacar que as organizações da juventude compõem forças políticas históricas da esquerda e, com isso, encontram-se mergulhadas nos mesmos desafios, o de enfrentar a criminalização das lutas sociais, o descrédito nas organizações de classe e um certo abandono da *práxis* revolucionária e emancipatória, fruto dessa longa prática conciliadora de classe, o que marca a história

de nossa formação social. Embora se vivenciem momentos de ascenso e dissenso no movimento de massas no Brasil, este é um território de permanente disputa, isto é, as ruas são espaços reivindicatórios das forças de direita e de esquerda. Uma imagem emblemática, que fica para a história do nosso país, foi o processo de votação, na câmara dos deputados e no senado federal, do processo de *impeachment* da, então, presidente Dilma Rousseff, onde o gramado da esplanada dos ministérios foi dividido em um ‘muro’ entre o ‘lado direito’, que defendia a saída da presidente, e o ‘lado esquerdo’, que anunciava um golpe parlamentar e civil contra a democracia.

Esse debate sobre o *impeachment* segue, até hoje, em aberto, e as massas continuam em ação, de forma bastante fragmentada. Mesmo que, em alguns momentos, sintam a necessidade de recuar, como no presente momento, o mundo se reorganiza a partir de uma crise sanitária recente e sem precedentes. Nosso tempo histórico exige que os setores populares e as organizações de classe tomem, para si, o compromisso de avançar na leitura da atualidade e na capacidade efetiva de dirigir as massas da classe para o aprofundamento da realidade social. Nesse momento, em que as organizações de juventude provocam o conjunto das organizações políticas para a retomada das ruas, a recente campanha ‘Vida, Pão, Vacina e Educação’, protagonizada pela juventude, espalhou-se pelo país, em forma de protesto, por distintas ações de solidariedade.

Mesmo que se entenda o movimento de massas como ações espontâneas, existe um elemento primitivo de direção, disciplina e método. Sendo assim, de acordo com Bogo (200, p.19), “[...] se faz necessária a formação do instrumento político cuja função é reunir todos os interesses em torno de um objetivo estratégico universal que, por si só, as lutas sociais restritas não alcançam”. O movimento de massas, os movimentos sociais, as lutas por direitos, para garantia da elevação do nível de consciência, necessitam aprofundar, objetivamente, seus espaços de vivência e seus processos formativos. A tese de Lenin (2015, p.31), "sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário", expressa a necessidade de a juventude e a classe trabalhadora se apropriarem do que há de mais atual e avançado na construção do conhecimento, vinculado à perspectiva de classe e às experiências de superação da ordem imposta.

Partindo da premissa de que a juventude corresponde a um dos maiores recursos latentes de revitalização de uma sociedade, cabe a ela também, segundo Mannheim (1968, p.82), “ser força desbravadora de uma democracia militante”. Nessa direção, a juventude é resistência social e responsável por tomar a iniciativa da reconstrução social e da reorganização da política. Sua tarefa vital é construir mecanismos e processos educativos para a solução de problemas sociais que, além da tentativa de desdobramento prático em ações transformadoras, exigem a construção de uma elaboração conceitual. Nessa direção, aposta-se na importância de processos educativos para elevação da consciência nas lutas juvenis, a fim de ocupar espaços e transcender o senso comum de

cartilhas dogmáticas, que pouco ajudam na leitura da realidade ou em ações efetivas quanto a interesses de classe.

### 3 Os movimentos de juventude e os desafios de educar as massas

Parte-se do entendimento de que se é educado a todo momento e de diferentes formas na vida cotidiana. A escola, a igreja, os espaços de trabalho, os momentos de lazer, as relações familiares, todas essas formas de experiência relacional educam e constroem o entendimento sobre o mundo. A experiência com a política soma-se a esse conjunto de relações educadoras. Nessa relação, as organizações cumprem o papel de instrumentos educadores da juventude. Por vezes, inserem os sujeitos na vida pública, apresentam um conjunto de visões desconhecidas, abrem espaço para a contestação da ordem social, apresentando novas formas de sociabilidade.

Nesse ponto, reside a importância dos coletivos de juventude, que se utilizam de diferentes espaços de atuação, como o movimento estudantil universitário e secundarista, o trabalho comunitário, a juventude trabalhadora e periférica, os coletivos culturais e o movimento de massas. Esses espaços de protagonismo são palco para que esses sujeitos possam atuar na *ampliação da visão social de mundo*<sup>13</sup>, num processo educativo-político, que Freire (2014) denominou de ‘uma educação como prática para a liberdade’. Mesmo que se destaque o movimento de massas como construção, por vezes, espontânea, onde o limite reside no alcance imediato de conquistas conscientes, ele pode ser entendido como potencializador da formação da consciência e ampliador da visão social de mundo, por meio da vivência prática e da superação ingênua e alienada da realidade.

De acordo com a pesquisa, a capacidade da organização de classe vincula-se aos programas estratégicos e revolucionários para o movimento de massas. Nessa expressão da consciência, pode-se perceber a juventude organizada em prol da melhoria da infraestrutura das escolas, da qualidade da merenda, da defesa das universidades públicas, contra a mercantilização da educação, entre outros. Esses processos de luta poderão resultar uma compreensão mais alargada das contradições sociais e projetar a juventude a um nível mais profundo de consciência ou, de forma contrária, poderá não ultrapassar as lutas mais imediatistas e reivindicatórias. De outro modo, a construção da consciência crítica pode ser uma potencializadora de um entendimento revolucionário ou caminhará entre os limites do senso comum.

<sup>13</sup> Ancorado nos estudos de Michael Löwy (1985), entende-se por *visão social de mundo* o ponto de vista do sujeito, inserido em determinada posição, seja política, religiosa, econômica, cultural, entre outros, como um campo de ideias, podendo transitar em uma visão conservadora, progressista ou revolucionária da sociedade. Nesta abordagem, descarta-se qualquer ponto de vista considerado neutro da vida social, isto é, todos os sujeitos possuem uma posição, uma visão sobre o mundo.

Nesses termos, a consciência revolucionária ou consciência ‘para si’ representa a necessidade de assumir uma consciência para além de si, mas na superação da sociedade de classes. Também está na negação do capitalismo, de seu sistema de exploração e opressão, na busca em desvelar a aparência natural das coisas e aprofundar a análise da realidade social em sua profundidade. Para Iasi (2011):

É na própria constatação de que a sociedade precisa ser transformada que se supera a consciência da reivindicação pela da transformação. O indivíduo transcende o grupo imediato e o vínculo precário com a realidade dada, buscando compreender relações que se distanciam no tempo e no espaço, toma como sua a história da classe e do mundo. Passa a conceber um sujeito coletivo e histórico como agente da transformação necessária (p. 35).

A superação de uma consciência ‘em si’ para uma consciência ‘para si’ terá, na ação coletiva, na organização social, política e de classe uma de suas ferramentas fundamentais. Nesse caminho, aponta-se, a partir da investigação, a importância da organização da juventude no entendimento das contradições postas e no papel histórico que se cumpre na vida política do país. Mas vale lembrar que a consciência não é linear, ela pode, muitas vezes, recuar a condições anteriores. Dependerá, portanto, da capacidade de ocupar espaços e promover reflexões profundas sobre as contradições e sobre a atualidade do tecido social.

Bogo (2011), refletindo acerca dos escritos de Lênin sobre o movimento de massas e a formação da consciência, afirma: “A simples experiência da luta imediata, sem que ela seja esclarecida pela teoria revolucionária - produzida a partir das próprias contradições entre as forças em conflito - não é suficiente para elevar a consciência de classe a um nível superior” (p. 133). A luta política somente poderá ser levada à frente com a organização dos revolucionários, na condução desses movimentos, e para além deles.

Segundo Lênin (2014), contribuir com a transformação social, a partir dos movimentos espontâneos das massas, sem uma organização política, seria cair no desvio do *movimentismo*, acreditando ser este uma força invisível. Sem um programa e sem uma estratégia revolucionária que supere as reivindicações econômicas e que se coloque na tomada do poder, não é possível avançar nos interesses de classe. Aqui, dialoga-se com a formulação das experiências concretas das organizações da juventude, na definição de sua tarefa, na sua abrangência de estratégia, na elevação do nível da experiência da luta social, alicerçada no domínio do conhecimento científico e revolucionário.

Na atualidade, segundo Bogo (2011, p.78), existe a necessidade de superar o pragmatismo e acreditar que tudo se resolve sem teoria, sem o estudo profundo da realidade, como ele mesmo afirma: “Alimenta-se um voluntarismo que não impunha derrotas estruturais à classe dominante”.

Essas são atitudes que implicam a formação da consciência das massas e a própria juventude organizada, que enfrenta dificuldades em dominar a especificidade da luta de classe para dominar a natureza da realidade social que enfrenta.

Sem dúvida, por intermédio da luta se alcança a elevação da consciência, segundo Lênin, a “forma embrionária do consciente era a luta espontânea”. A luta, enquanto instrumento educativo, deve acompanhar todos os processos de organização da classe. Conforme Bogo (2001), “neste sentido, é que entrava a tarefa do partido em agregar ao aprendizado espontâneo, a partir de dentro do próprio movimento, os conhecimentos científicos e revolucionários” (p. 23). É tarefa de todos os setores que envolvem as lutas sociais construir o conhecimento a partir das bases da economia, da política, da história, da filosofia, com as demais áreas do conhecimento, para aprofundamento da consciência de classe. A partir do conjunto de uma classe consciente, formar-se-ão sujeitos organizados em coletivos e capazes de educar as massas populares.

Portanto, por meio da ação, da direção, das experiências concretas de luta, da capacidade de construção de relações humanas, mais coletivizadoras, mais solidárias, cooperativas, autônomas em pensamento e ação, dialógicas sobre as contradições e motivadoras das relações sociais, será possível sobreviver a uma visão ingênua ou alienada da realidade, em direção a uma consciência política e emancipadora.

### 3 Considerações finais

A partir do questionamento que se move na presente discussão, pôde-se chegar a algumas considerações sobre a importância da juventude para o movimento de massas no Brasil de hoje. A primeira delas trata da centralidade do papel organizativo da juventude na construção e na retomada mais intensiva, na última década, das mobilizações de rua. Os jovens protagonizaram a maior parte dos eventos de protesto, em sua maioria, pautando a elevação da qualidade de direitos elementares, como saúde, educação, mobilidade urbana, entre outros. A intensificação das lutas juvenis, por sua vez, produziu um aumento significativo no coletivo de jovens, ligados a organizações partidárias, a grupos setoriais contra as opressões, a entidades representativas e a coletivos culturais e autônomos.

A ampliação de movimentos de juventude representa a possibilidade de uma força revigorante das lutas sociais, entendendo que essas organizações da juventude garantem a continuidade da trajetória histórica da teoria da organização política, ao mesmo tempo em que gestam mudanças, provocam rupturas e elaboram novas compreensões sobre o mundo. As organizações de juventude

ocupam um lugar central no movimento de massas, como a retomada mais sistemática desses eventos, o protagonismo de muitos desses movimentos, a agitação, a propaganda e a formação de organizações revigorantes para a constituição da política.

Nessa expectativa, a juventude, com enorme capacidade de comunicação, de construção de identidade organizativa e pedagógica que, em muitos momentos, conduz e propõe as diretrizes das ações, apresenta-se como um instrumento educativo das massas. Considera-se que, a partir das experiências concretas de auto-organização, como é o caso do movimento de massas, a juventude possibilita que esse espaço se torne um canal de formação, de ampliação da consciência política e de alargamento da visão crítica sobre o mundo. Nesses termos, reconhece-se que a precarização da vida sobre a ofensiva neoliberal atinge, principalmente, os jovens que, na atualidade, encontram, nas organizações de juventude, um espaço para compartilhar seus anseios e incertezas sobre o futuro.

Enfim, os desafios que cercam essas organizações para o nosso tempo histórico são muitos e, sem dúvida, a sua participação e de entidades representativas, no movimento de massas, destacam-se na tentativa de organização da classe e na construção de um projeto de futuro. Conclui-se, assim, que as organizações de juventude correspondem a um importante instrumento de resistência social, responsável, em muitos momentos, pela iniciativa de mobilização massificada. Sua tarefa vital vai ao encontro de mecanismos e de processos educativos para a solução de problemas sociais que, além de seu desdobramento prático em ações transformadoras, exigem dos jovens uma construção conceitual e organizativa, vinculada, profundamente, às problemáticas do contexto histórico e comprometida com a construção de novas perspectivas sociais.

### Referências

ANTUNES, Ricardo. As rebeliões de junho de 2013. In: GENTILI, Pablo. *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*, OSA- Observatorio Social de América Latina. Año XIV, nº 34 / publicación semestral. Noviembre de 2013.

ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletário de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOGO, Ademar. *Organização política e política de Quadros*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

BOGO, Ademar (org). *Teoria da organização política I: escritos de Engels, Marx, Lênin, Rosa, Mao*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.

IASI, Mauro Luis. *Ensaio sobre a consciência e emancipação*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

KATZ, Claudio. *Neoliberalismo, neodesenvolvimentismo, socialismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

LENIN, Vladimir I. Carta a um camarada. In: BOGO, Ademar (org.). *Teoria da organização política I: escritos de Engels, Marx, Lênin, Rosa, Mao*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

LENIN, Vladmir. *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015

LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1985.

LUKÁCS, György. *Introdução a uma estética marxista: sobre a particularidade como categoria da estética*. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Traduzido por Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITTO, Sulamita de. *Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p. 69-94 (texto original de Mannheim, 1943).

MENEGOZZO, Carlos Henrique. *Juventude e política: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Outras Expressões, 2017.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. *A escola comuna*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SILVA, Andréa Wahlbrink Padilha da. *A pedagogia da juventude: uma reflexão sobre a dialética da práxis do movimento de juventude*, 2022, [Tese].

SPOSITO, Marília Pontes. *Estudos sobre juventude em educação*. São Paulo: USP, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. *As ideias estéticas de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.